

Os testes que tratam da representatividade de gênero no cinema e na literatura: uma proposta didática para pensar o feminino nas narrativas

Carolina Alves Magaldi¹
Carla Silva Machado²

Resumo

O presente artigo visa discutir o potencial dos testes que tratam da representatividade de gênero no cinema como uma possibilidade didática para pensar o feminino no audiovisual e na literatura. Para tal, começaremos nossa discussão pela iniciativa pioneira representada pelo Teste Bechdel. Tal teste foi criado em 1985 para mensurar concepções de gênero. Para passar no teste, um filme precisa atender a três parâmetros: (i) precisa ter ao menos duas personagens femininas nomeadas; (ii), as duas personagens precisam conversar entre si; (iii) o assunto dessa conversa precisa ser qualquer tópico que não seja um homem. Ao todo, mais da metade dos filmes analisados ao longo de quase 30 anos falharam no teste, mas ao levantarmos dados recentes, é possível perceber um dado interessante: o maior percentual de filmes que passaram no teste é encontrado em produções infantis ou adolescentes. Discutiremos, assim, como este teste e outros inspirados por ele podem manifestar seu potencial educacional no que se refere às questões envolvendo gênero. Além disso, dialogando com os testes já existentes, apresentamos nossa contribuição na forma do Teste CM, na buscando trabalhar as questões de gênero na sala de aula tendo o cinema e a literatura como suporte.

Palavras-chave: cinema, literatura, educação, representações sociais, gênero

Tests which handle gender representation in film and literature: a didactic proposal to pondering on the feminine in narratives

Abstract

The present article aims to discuss the potential of tests which handle gender representation in film as a didactic possibility to ponder on the feminine in audiovisual and literary universes. To do so, we will begin our discussion with the pioneer initiative represented by the Bechdel Test.

1 Professora adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Leciona disciplinas de língua inglesa e respectivas literaturas, bem como disciplinas de tradução. Orienta no Mestrado Profissional de Gestão e Avaliação da Educação Pública (PPGP) do Caed/UFJF.

2 Graduada em Letras (UFV), mestra em Educação (UFJF) e doutoranda em Educação (PUC-Rio).

Such test was created in 1985 to measure gender conceptions. In order to pass the test, a film must fulfill three parameters: (i) it must have at least two named female characters; (ii) the two characters must talk to each other; (iii) the theme of that conversation has to be any topic, except a man. Overall, more than half of the films analyzed over almost thirty years have failed the test, but as we gather recent data, it is possible to notice an interesting factor: the highest percentage of films that have passed the test is found among films for children and teenagers. We will, therefore, discuss how this test as well as other ones inspired by it may manifest their educational potential regarding gender issues. Moreover, as a dialogue with existing tests, we will present our contribution, shaped as the CM Test, seeking to handle matters of gender in the classroom having film and literature as support.

Keywords: film, literature, education, social representations, gender

INTRODUÇÃO

Desde que Simone de Beauvoir redefiniu os parâmetros da feminilidade em sua famosa obra *O segundo sexo*, muito se tem discutido sobre as questões de gênero, inclusive nas áreas da educação e cultura, além do trabalho com crianças e adolescentes. Mas, afinal de contas, o que quer dizer “Não se nasce mulher, torna-se mulher”?

A grande resignificação orquestrada por Beauvoir reside na distinção entre sexo e gênero, ou seja, entre a dicotomia biológica do masculino e feminino e a construção social e cultural das concepções de feminilidade e masculinidade.

Nesta construção discursiva da distinção entre gênero e sexo temos a participação dos aparelhos ideológicos de instituições tais como família, igreja e escola, bem como de dispositivos culturais, via cinema, literatura, imprensa, publicidade, novela e televisão, dentre outros. Cada uma dessas esferas contribui para as concepções que são continuamente criadas e recriadas a respeito dos gêneros e todas fazem parte do cotidiano dos alunos da Educação Básica. Portanto, buscaremos apresentar, neste texto, uma forma de incorporar os dispositivos culturais em sala de aula, de forma a contribuir para a construção de uma consciência crítica a respeito da construção do feminino.

Neste contexto, optamos pelo discurso cinematográfico por conta de seu amplo apelo e difusão, além da possibilidade de trazê-lo para a sala de aula por meio de equipamentos audiovisuais, proporemos, ainda, a perspectiva do trabalho com a literatura por entender ser possível usarmos os mesmos elementos propostos para o cinema. Entendemos “o cinema como instância formativa importante, de notável popularidade que, ao mobilizar energias efetivas e emocionais, atua de forma distinta da instância escolar, embora não

seja completamente independente desta”. (DUARTE, 2009, p. 89). Da mesma forma, “Entendemos a literatura como uma possibilidade de representação de valores, e que, muitas vezes, ela está inserida na sala de aula, fazendo parte do currículo” (MACHADO, 2008, p. 61). Neste sentido tanto literatura quanto o cinema podem contribuir para uma educação que objetive a equidade entre os gêneros.

O TESTE BECHDEL E OUTROS TESTES QUE TRATAM DA REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO NO CINEMA

Nesta seção nos centraremos na contribuição do teste Bechdel para tais discussões, além dele, apresentaremos outros testes que tratam da questão da representatividade de gênero no cinema. O teste foi inventado em 1985 pela cartunista Alison Bechdel em sua obra *Dykes to watch out for*, com o objetivo de mensurar concepções de gênero integrantes do discurso cinematográfico.

As discussões de gênero e sexualidade perpassam a obra da cartunista, como se pode perceber no próprio título da obra que inaugura o teste, o qual pode ser traduzido como “Cuidado com as sapatões”.

Para passar no teste, um filme precisa atender a três parâmetros: (i) ter ao menos duas personagens femininas nomeadas; (ii), as duas personagens precisam conversar entre si; (iii) o assunto dessa conversa precisa ser qualquer tópico que não seja um homem.

Baseado nestes pressupostos, fãs de cinema podem acessar o site Bechdel (<http://bechdeltest.com/>) e optar por uma das opções que designavam se o filme havia passado ou não no teste. Atualmente, o site registra somente aprovações e reprovações, indicadas respectivamente com sinais verdes e vermelhos.

A versão anterior permitia análises mais aprofundadas, pois apontava em qual pressuposto os filmes reprovados haviam falhado. Naquela versão, o X vermelho indicaria que havia menos de duas personagens femininas nomeadas no filme, ou seja, que não foram identificadas somente como cliente nº 01, ou qualquer outro tipo de representação social. Já o X acompanhado de um megafone indicaria que havia ao menos duas personagens femininas, mas elas não conversavam entre si. A camisa com gravata, por sua vez, denotava que havia duas personagens femininas que conversavam entre si, mas o assunto era um homem. Por fim, a carinha sorridente representava os filmes que passaram nas três etapas.

Outro elemento que enriquecia a análise era que todos os símbolos podiam ser acompanhados de um ponto de exclamação, denotando que algum usuário discordou da análise. Neste caso, eram abertos o registro de comentários e a organização de listas de discussão.

Uma primeira jornada pelo site nos permite, portanto, duas análises: uma quantitativa, a respeito da quantidade de filmes aprovados no teste; e uma qualitativa, abordando pontos em que há discordância entre os usuários.

No ano de 2014, foram analisados 122 filmes, com 47 deles passando no teste, sem questionamentos ou divergências. Dentre os filmes que foram reprovados, somente 7 falharam na primeira categoria, ou seja, não tinham duas personagens femininas nomeadas. Esse dado revela que no cinema atual não enfrentamos uma crise de representações femininas, e sim de representatividade feminina.

A relação entre representação e representatividade está diretamente ligada às questões discursivas e inteiramente imbricadas ao conceito de minorias discursivas. Para Moscovici (2000), o termo minoria não está ligado à questão numérica, mas à representação de poder, neste sentido, a representação do feminino nos filmes, na maioria das vezes, vem pelo olhar da cultura predominantemente masculina, sendo ainda marcado por uma relação de poder em que o homem é tido como mais forte, equilibrado e responsável pela mulher e, por outro lado, muitas vezes, o discurso feminino será considerado como menos importante. É comum, ainda, uma visão estereotipada da mulher, personagens como a loira que é burra, a inteligente feia, ou a mulher frágil e dependente vão aparecer em muitos filmes e muitas cenas, apontando que existe apenas uma representação do gênero feminino, mas não uma representatividade de fato. Percebe-se, neste caso, que há uma ampliação do espaço, mas ainda é preciso avançar na representatividade.

Vale ressaltar a afirmação de Roso, Strey, Guareschi e Bueno sobre a questão da construção das representações sociais a partir do proposto por Moscovici. Segundo os autores:

A construção das representações sociais sobre as minorias e o estabelecimento das relações sociais e culturais entre minorias e majorias não são consequência natural destes traços culturais ou físicos, mas, sim, uma construção social que é circunscrita por forças de relações político-econômicas. O significado do termo minoria varia de acordo com a cultura e o momento histórico. (2003, p. 77).

Entendemos que estamos avançando na perspectiva de um discurso de gênero mais abrangente que caminha para as representatividades das minorias, o site Bechdel tem, de certa maneira, o papel de não se conformar diante do que está efetivamente posto pelas representações culturais e pode levar as pessoas a refletirem sobre as construções das representações sociais atuais, abrindo novas possibilidades de ver o mundo. Ainda segundo Roso, Strey, Guareschi e Bueno (2003, p. 79):

Para explicarmos o não se conformar precisamos recorrer aos conceitos usados por Moscovici: caráter *nômico (ativo)* ou *anômico (passivo)*. A presença ou ausência de uma posição definida, de um ponto de vista coerente, de uma norma própria, é que converte uma minoria em uma pessoa ativa ou passiva em suas relações sociais. Assim, “o primeiro sinal distintivo de uma minoria, autora de um processo de inovação, está relacionado com sua oposição consciente à norma da maioria e com sua adesão firme, com sua defesa de uma contra-norma que fazem dela um sócio ativo potencial nas relações sociais” (MOSCOVICI, 1991, p.79).

Neste sentido, o site, e o teste nele disponibilizado, cumpre a função de posicionar-se frente às questões apresentadas pelo cinema, podendo fazer com que outras pessoas revejam seus conceitos e tornem-se ativos nas questões que envolvem gênero.

Ainda em relação à dicotomia representação *versus* representatividade, o triplo de filmes reprovados (21), contavam com a classificação da gravata, pois as personagens femininas nomeadas somente conversam entre si quando o assunto era os homens. Dessa forma, pode-se dizer que a representatividade masculina, nestes filmes, tem uma força maior.

Isso nos remete à Duarte, ao apresentar o estudo de Guacira Louro sobre Gênero e cinema, segundo a autora:

Para Guacira Louro, a indústria de Hollywood, conduzida desde o início por homens brancos ocidentais, constrói suas imagens a partir da ótica masculina, branca, heterossexual, de classe média e, usualmente, judaico-cristã, que sempre se apresentou como universal. Ela acredita que os filmes produzidos desse modo ajudaram a construir concepções de gênero, sexualidade, classes sociais em diferentes sociedades, atuando como uma “pedagogia cultural” que ultrapassou fronteiras simbólicas e geográficas, mas que enfrentou a reação de políticas de identidade diferentes

desta, que também se expressam por meio do cinema (2009, p. 90).

Vale ressaltar que, em relação ao teste Bechdel, a categoria predominante dos filmes que passaram no teste são filmes infantis, como *Barbie: A Princesa Pérola* e adolescentes, como *Divergente*.

Ainda mais relevante para a pesquisa de gênero, no entanto, seria a análise qualitativa dos resultados questionados pelos usuários, como, por exemplo, no caso de uma conversa entre uma mulher e um transexual feminino no filme *Clube de Compras de Dallas*. Por se tratar de usuários não acadêmicos, a discussão de gênero surge ligada a padrões de senso comum, tendendo a evoluir para debates mais profundos na medida em que os participantes se inteiram da temática.

Vale ressaltar que existe uma ampla discussão nos meios acadêmicos acerca de gênero, sexo e sexualidade, esta discussão não é hegemônica, há diversas contradições, porém, no senso comum, gênero, sexo e sexualidade, muitas vezes, ganham uma mesma dimensão, como se fossem palavras sinônimas. Como no meio acadêmico, esta discussão também ganha inúmeras possibilidades de leitura e conceituação, trazemos um trecho do texto de Marie-Vitoire Louis intitulado *Diga-me: o que significa gênero?*, que representa muito bem este discurso em construção acerca das pesquisas sobre gênero:

Li ser necessário distinguir sexo e *gênero*, que o *gênero* coincide com o sexo, que o *gênero* produz o sexo, que o *gênero* se cola ao sexo antes mesmo que o sexo exista realmente, que o sexo dos indivíduos se transforma em *gênero*; que havia efeitos perversos na distinção entre sexo e *gênero*; que o sexo não exprime o *gênero*, mas também que o *gênero* não exprime o sexo; que o *gênero* desnatura a diferença entre os sexos; que é preciso desnaturar a ligação entre sexo e *gênero*; que o *gênero* constrói o sexo biológico; que o *gênero* não é a consequência do sexo biológico...

Li que os *gêneros* se referem aos sexos e, a partir daí, à sexualidade; que há uma relação dialética entre *gênero* e sexualidade; que há sexualidades de *gênero*; que a sexualidade estava excluída dos estudos de *gênero*...

Li que havia relações de *gênero* e relações de casais na vida sexual...

X. Li que o *gênero* é o sexo social; que o *gênero* é a construção social do sexo; que o *gênero* é o saber sobre a diferença sexual; que o *gênero* é a construção social de uma identidade sexual a

partir do sexo biológico; que o *gênero* é o sistema que organiza a diferença hierarquizada entre os sexos; que o *gênero* é o elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos... (2003, p. 715-716).

O artigo de Louis apresenta as contradições em relação aos estudos que abordam as questões de gênero, sexo e sexualidade, mas, ao mesmo tempo, nos remete à polifonia dos termos e da importância de discutirmos cotidianamente estas questões, seja a partir das atividades envolvendo arte e cultura visual, seja através das atividades educacionais.

O teste hoje já faz parte da cultura midiática, principalmente entre os países de língua inglesa, ampliando as discussões tanto para meandros acadêmicos, quanto para análises acerca da indústria do cinema. Em uma reportagem recente publicada no jornal *Huffington Post*³, foi ressaltado que, ao contrário do que se imagina, de 1990 a 2013, os filmes que passaram no teste foram mais lucrativos do que os reprovados por seus parâmetros. As produções aprovadas lucraram em média 2,68 dólares para cada dólar gasto, enquanto que as que falharam no teste lucraram em média 2,45 para cada dólar gasto.

A questão econômica e a relação entre esta e o poder do discurso fílmico de ser partilhado em outras redes pode ser explicada por Duarte (2012, p. 07-08) quando apresenta:

Em um contexto fortemente marcado por interesses comerciais e pela lógica do consumo, a quantidade parece prevalecer sobre a qualidade e o formato estético/narrativo que se tornou hegemônico tende a orientar as escolhas do que merece ser visto, pasteurizando conteúdos e restringindo a formação do gosto: vê-se aquilo que se conhece e do qual já se ouviu falar, gosta-se apenas do que se vê.

Entretanto, como as práticas sociais não são determinadas exclusivamente pelas condições materiais em que estão inscritas, no acesso a filmes em formato digital, propiciado pela internet, emerge também uma nova cinefilia, “que se propaga acima de territórios, fronteiras, convenções comerciais, restrições de direito autoral e plataformas tecnológicas” (MATOS, 2011, p. 45), que preserva o caráter artístico do cinema e recupera o sentido político da experiência estética. Um novo cinema se constitui na visualização individual e na troca coletiva de ideias

³ Disponível em: http://www.huffingtonpost.com/2014/04/02/bechdel-test-women-in-film_n_5076636.html. Acesso em 27 de janeiro de 2015.

– online – entre pessoas de diferentes origens e culturas, que têm em comum o interesse (desinteressado!) de colocar em discussão suas opiniões a respeito dos filmes que apreciam. Ainda que a prática de ver seja individual, retoma-se, aqui, a experiência eminentemente comunitária, de emitir julgamentos sobre o que é visto. Esse é o sentido público da arte: ela nos obriga a pensar por nós mesmos e nos impele a fazer desse pensamento “algo que deve ser partilhado” (DUARTE, 2011, p. 133).

A autora, ao mesmo tempo em que entende o grande poder da indústria cinematográfica, acredita que o fato de partilharmos nossas impressões sobre filmes publicamente pode fazer com que a maneira de pensar o cinema pela própria indústria de produção fílmica seja reavaliada, é neste caso, a nossa não-conformidade, ou ativismo agindo sobre a indústria cinematográfica.

A influência do teste pode ser notada, ainda, nas adaptações sugeridas ao longo dos anos, bem como na criação de novos testes. Houve, por exemplo, a sugestão de uma quarta categoria ao teste Bechdel, que estipularia que a conversa entre as duas personagens femininas deveria durar pelo menos 60 segundos, de forma a garantir a representatividade do diálogo.

Além disso, surgiu a preocupação de se mensurar a representatividade das personagens femininas para a narrativa como um todo, uma vez que um filme pode ser aprovado no teste Bechdel por meio de uma conversa entre duas personagens secundárias. Essa foi a vertente adotada pelo Teste Makomori, que tem como pressupostos para a aprovação: (i) o filme deve ter ao menos uma personagem feminina; (ii) essa personagem deve ter seu próprio arco narrativo; (iii) esse arco não se apoia no percurso narrativo de um homem.

Dessa forma, busca-se refletir sobre a construção das narrativas, o tratamento dado às personagens femininas e ao grau de subalternidade que os arcos narrativos femininos têm em relação aos masculinos.

Similarmente, foi criado o Teste Tauriel, nomeado a partir da personagem Elfa da trilogia *O Hobbit*. Em tal sequência de filmes, a Elfa existe principalmente para garantir uma presença feminina em uma narrativa marcadamente bélica e aventureira, traços, normalmente, associados ao gênero masculino nas representações cinematográficas. Assim sendo, o Teste Tauriel possui um único pressuposto: as personagens femininas do filme existiriam se fossem homens? Ou seja, elas existem somente para serem namoradas, esposas, musas ou amantes de algum personagem masculino?

Expandindo as discussões de gênero também para as concepções de masculinidade foi criado o Teste Barnett, que possui duas fases: (i) no filme há dois personagens masculinos e dois femininos que conversam entre si sobre algum assunto que não seja o gênero oposto; (ii) Há alguma forma de violência retratada como, a) de forma humorística; b) de forma corriqueira; c) como se a vítima merecesse o ato violento.

Dessa forma, busca-se compreender também as distorções empreendidas pelo cinema às noções de masculinidade, contribuindo para uma análise mais completa das construções de gênero perpetuadas pela sétima arte.

A partir dessa iniciativa pioneira, houve, ainda, uma abertura para outros universos semióticos e a criação de testes alternativos, como o Teste Russo, nomeado em homenagem ao historiador de cinema Vito Russo, o qual se concentra na percepção de personagens LGBT (sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e o teste Finkbeiner, que se aplica às questões de gênero oriundas da cobertura midiática de mulheres cientistas.

O TESTE CM COMO UMA PROPOSTA DIDÁTICA NA DISCUSSÃO DA REPRESENTATIVIDADE DE GÊNERO NO CINEMA E NA LITERATURA

Cabe ainda ressaltar que os testes ganham efetividade quando nos fazem discutir questões de gênero e sexualidade a partir das narrativas cinematográficas e também as literárias. Temos, desta forma, a sensação de que o cinema e a literatura, assim como outros dispositivos culturais, podem funcionar como veiculadores de novas ideias e concepções e ao mesmo tempo ser apropriado pela cultura vigente. Ao se referir ao papel do cinema, nesta formação, Duarte afirma:

Neste contexto, ir ao cinema, gostar de determinadas cinematografias, desenvolver os recursos necessários para apreciar os mais diferentes tipos de filmes etc., longe de ser apenas uma escolha de caráter exclusivamente pessoal, constitui uma prática social importante que atua na formação das pessoas e contribui para distingui-las socialmente. Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio da linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais (DUARTE, 2009, p. 14).

Sobre a literatura ir além da formação de leitores, Machado (2008, p. 66-67) argumenta:

Acreditamos que a literatura cumpre o papel de veiculação de conhecimento e valores, justamente por fazê-lo de maneira despreziosa. Entendemos que a literatura possibilita uma leitura de mundo através dos livros e que é capaz de transformar os leitores de livros em leitores de mundo, fazendo-os perceberem os diferentes contextos de produção e recepção dos textos.

Tanto a linguagem fílmica quanto a literária, assim como as diversas linguagens dos demais Dispositivos Culturais, está relacionada ao discurso do prazer, quer dizer, o cinema e a literatura formam e transformam concepções sem o compromisso de apenas doutrinar ou cultivar ideologias, logo sua função principal é o entretenimento, mas, ao entreter e divertir, também ensina, faz adotar concepções e mostra, muitas vezes, maneiras diferentes de entender o mundo.

Balestrin e Soares (2012), ao apresentarem artigo intitulado “Etnografia de tela” uma aposta metodológica, no livro organizado por Meyer e Paraíso, o fazem a partir de algumas questões: “O que pode um filme? O que se pode fazer com um filme?” (2012, p. 91). Segundo Balestrine e Soares (2012, p. 91): “Acreditamos que o cinema, como uma arte e uma forma específica de linguagem, possui potência para romper com e ressignificar determinadas construções sociais já existentes.” Ou ainda:

(...) não há como saber o que um filme pode, afinal, fazer conosco e vice-versa – o que nós podemos fazer com um filme. É na relação que estabelecemos com a imagem que se nos coloca que algo pode (ou não) acontecer (2012, p. 91).

Se quisermos responder a questão “o que pode um filme?” a partir dos estudos da escola de Frankfurt, por exemplo, veremos que:

(...) o rádio, a televisão, e no caso dessa pesquisa, o cinema, fornecem modelos daquilo que é o certo e o errado, o bem-sucedido ou o fracassado, o poderoso ou o impotente. A cultura da mídia fornece material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de nós e eles. Auxilia a modelar a visão prevalente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. A cultura da mídia tem por objetivo a grande audiência; por isso,

deve ser eco de assuntos e preocupações atuais, sendo extremamente tópica e apresentando dados da agenda social contemporânea (LEITE, 2003, p. 07).

Entendemos que poderíamos transformar todas estas questões em: O que pode uma narrativa? E assim sucessivamente, e teríamos o mesmo entendimento, que em se tratando de leituras de mundo e formações ideológicas, cinema e literatura podem ter as mesmas funções.

Percebemos, dessa forma, que o cinema e a literatura podem criar modelos, modos de vida e transmitir ideologias; mas, ao mesmo tempo, propõem-se a atrair público e consumidor e, para isso, muitas vezes, deixam de ser processo para tornar-se produto cultural. O que pode ser explicado pela argumentação de Duarte (2012, p. 07), ao se referir ao gosto pelo cinema:

Em um contexto fortemente marcado por interesses comerciais e pela lógica do consumo, a quantidade parece prevalecer sobre a qualidade e o formato estático/narrativo que se tornou hegemônico tende a orientar as escolhas do que merece ser visto, pasteurizando conteúdos e restringindo a formação do gosto: vê-se aquilo que já se conhece e do qual já se ouviu falar, gosta-se apenas do que se vê.

Esta afirmação de Duarte responde à nossa questão da maneira como nós como público/consumidor podemos afetar o cinema e também a literatura, e ao mesmo tempo, sermos afetados por eles. Nesse sentido, deixamos de ser público/espectador e tornamo-nos público/consumidor e os Dispositivos Culturais tornam-se produtos culturais. Nas palavras de ZANFORLIN (2009, p. 128):

Trata-se de estar ciente das “necessidades objetivas e simbólicas”, em que “os clientes precisam se sentir culturalmente identificados”, ou seja, de se conectar também aos seus desejos e às suas subjetividades, cujo retorno pode vir a ser dificilmente mensurado, implicando um alto grau de risco a esses movimentos.

As questões abordadas nos permitem perceber os discursos cinematográfico e literário como algo que provoca sentidos novos em quem o assiste/lê, mas que pode provocar novidades em quem o produz. Dessa maneira, o cinema e a literatura são artefatos culturais que produzem sujeitos e são produzidos por eles.

Neste sentido, o Teste Bechdel, assim como os Testes Tauriel, Barnett, Russo, Finkbeiner dentre outros são maneiras contemporâneas de ouvir as minorias representativas ampliando a discussão acerca de gênero e sexualidade e ao mesmo tempo servindo de parâmetro para os produtores de cinema e escritores de literatura. Usar de outros meios tecnológicos para discutir cinema e literatura, ou seja, usar da metalinguagem, é uma forma de militância/ativismo e também pode servir para formar espectadores mais conscientes da repercussão dos artefatos culturais na sociedade. Estes mecanismos podem ser levados para a sala de aula, pois segundo Ferrari e Castro (2012, p. 13):

A incapacidade de separar a Educação de outros campos de conhecimento e das imagens de forma geral abriu a possibilidade de novas áreas de investigação, não somente no campo das visualidades, mas também, na Formação Docente, no Currículo, nos Estudos de Gênero e Sexualidade, no Processo de Subjetivação. Isso porque falar de imagem, de produção de imagens, de significação e representação visual supõe incluir o espectro das Artes e da Cultura Visual no âmbito dos processos educativos ancorados em contextos de subjetivação.

A partir destas discussões e do conhecimento destes testes, propomo-nos à criação do Teste CM que objetiva ser uma proposta didática envolvendo as discussões acerca da representatividade de gênero no audiovisual e na literatura.

Vale ressaltar que o Teste CM foi inspirado nos testes já conhecidos e na experiência das autoras como pesquisadoras da área, além da atuação como professoras da Educação Básica. Ao contrário dos testes tradicionais, buscamos manter um número aberto de categorias e apontamentos, bem como favorecer a discussão em grupos. Para cada questão, serão somados pontos positivos ou negativos. O resultado final da soma refletirá se o filme passou ou não no teste.

O Teste tem uma parte comum, caracterizada como **Narrativa**, na qual são exploradas questões diretamente ligadas ao enredo do filme e à sua relação com as questões de representatividade de gênero. São elas:

(I) As personagens femininas possuem arcos narrativos próprios? (soma-se um ponto positivo para cada razão apontada para fundamentar tal afirmativa);

(II) Alguma das personagens femininas existe somente para que haja uma mulher na narrativa? (soma-se um ponto negativo para cada personagem que tenha tal característica);

(III) As personagens femininas conversam entre si? (soma-se um ponto positivo para cada conversa significativa, cujo assunto não seja um homem ou interesse romântico)

(IV) O filme ou livro traz estereótipos de gênero, seja masculino, feminino ou referente à comunidade LGBT? (soma-se um ponto negativo para cada estereótipo manifesto);

A segunda parte do Teste trata diretamente da **Construção de Gênero** e ultrapassa a discussão do enredo. Visando tornar o Teste mais prático e acessível, fizemos questões diferenciadas para públicos diferentes, há o Teste Versão Adolescente e o Teste Versão Infantil.

A versão do Teste para adolescentes e adultos apresenta três questões, sendo que, nas duas primeiras, cada grupo deverá decidir se o resultado encontrado representa pontos positivos ou negativos:

(I) Para que serve a(s) personagem(ns) feminina(s) da narrativa? (para salvar o mundo? Para sofrer? etc);

(II) De que forma a aparência física dos personagens se relaciona à descrição de suas personalidades?

(III) Você conhece alguma mulher que se assemelhe à principal personagem feminina? (soma-se um ponto positivo para cada mulher que couber na descrição);

Já a versão Infantil do Teste apresenta quatro questões, que devem ser pontuadas a partir das discussões com o grupo:

(I) Quem é a principal mulher da história? (neste caso o objetivo deverá ser descobrir o grau de pro-atividade da personagem, e a pontuação deverá corresponder a esse critério);

(II) As personagens femininas são felizes? Por quê? (pontuar de acordo com as razões apontadas pela (in)felicidade, destacando se são internas – pontos positivos – ou externas – pontos negativos).

(III) Como ela é descrita? Isso se refere à personalidade ou ao corpo da personagem? (pontuar de acordo com os estereótipos de beleza apresentados);

(IV) Como ela se relaciona com os meninos da narrativa? (pontuar com relação aos modelos tradicionais de contos de fada e ao tratamento hollywoodiano do amor verdadeiro).

Acreditamos que estas questões podem servir como um roteiro semiestruturado para a discussão de representação de gênero, literatura e cinema, ainda, entendemos que outras questões poderão surgir, por isso as questões não estão fechadas, porém, entendemos que a partir delas possamos criar tanto com crianças quanto com adolescentes um suporte (pode ser um blog, por exemplo) de classificação dos filmes a partir do critério de gênero e este suporte pode ser publicizado para pais, crianças, adolescentes, professores e pesquisadores da área de gênero e sexualidade e de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saber que as narrativas para crianças e adolescentes tratam as questões envolvendo gênero e sexualidade de maneira mais ampla e menos estereotipada faz-nos perceber que o discurso de gênero é um discurso em movimento, ou seja, está em constante mudança e essas mudanças são influenciadas pelos sites mencionados, pelas discussões promovidas pelos fóruns dos sites, pelos professores que se comprometem a discutir essas questões em sala de aula, pelas escolas que promovem uma discussão em torno dos artefatos culturais e pelas próprias narrativas audiovisuais ou escritas, que o fazem para atender ao público espectador.

Acreditamos que a criação e divulgação do Teste CM será mais um suporte didático e de discussão acerca do assunto. Entendemos que estes espaços propiciam um diálogo importante entre os artefatos culturais e os componentes didáticos, além disso, trazem as questões presentes na sociedade para o contexto escolar, tornando a escola um importante espaço de discussão acerca das questões envolvendo gênero e sexualidade.

REFERÊNCIAS

BALESTRIN, Patrícia Abel. SOARES, Rosângela. Etnografia de tela” uma aposta metodológica. IN: MEYER, Dagmar Esterman. PARAÍSO, Marlucy

Alves (organizadoras). **Metodologia de pesquisa pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012. p.87-10.

DUARTE, Rosália. Prefácio. In: FERRARI, Anderson.CASTRO, Roney Polato de. **Política e poética das imagens**. Juiz de Fora. Ed.UFJF, 2012. p. 5-9.

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. 3 Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FERRARI, Anderson. CASTRO, Roney Polato de. Política e poética das imagens: implicações para o campo da educação. In: FERRARI, Anderson. CASTRO, Roney Polato de. (organizadores) **Política e poética das imagens**. Juiz de Fora. Ed.UFJF, 2012. p. 12-17.

LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?** São Paulo: Paulus, 2003.

LOUIS, Marie-Victoire. Diga-me: o que significa Gênero? IN: **Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 3**, set./dez 2006. p. 711-724.

MACHADO, Carla Silva. Literatura Infantil e o discurso da diversidade: caminhos para a inclusão. **Educação em Foco**. Revista de educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. v.13, n.1, mar./ago. 2008. p. 57-68.

MOSCOVICI, Serge. **Social representations**. Explorations in social psychology.Cambridge: Polity Press, 2000.

ROSO, A.; STREY, M.N.; GUARESCHI, P.; BUENO, S.M.N. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. In: **Psicologia & Sociedade**; 14 (2): 74-94; jul./dez.2002. p. 74-94.

ZANFORLIN, Sofia. Nova dinâmicas do Espaço Público: Consumo Cultural, Mídia e Mercado Sobrem ao Palco da Praia de Copacabana. IN: **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 21, p. 121-134, julho/dezembro 2009.

*Recebido em outubro de 2015
Aprovado em fevereiro de 2016*